

## Apresentação – Linguística Sociolinguística *Sociolinguistics*

Cláudia Regina Brescancini<sup>1</sup>, Valéria Neto de Oliveira Monaretto<sup>2</sup>, Felipe Bilharva da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da PUCRS.

E-mail: [bresc@pucrs.br](mailto:bresc@pucrs.br)

<sup>2</sup> Professora Titular do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: [monareto@ufrgs.br](mailto:monareto@ufrgs.br)

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

E-mail: [felipebilharva@yahoo.com.br](mailto:felipebilharva@yahoo.com.br)

Este número da revista *Letrônica* reúne pesquisas conduzidas à luz Sociolinguística, contemplando vários de seus ramos, como Teoria da Variação e Mudança Linguística, Línguas em Contato, Sociofonética, Crenças e Atitudes Linguísticas e Sociofuncionalismo.

A concordância é investigada nos artigos de **Foeger, Yacovenco e Scherre**, de **Vieira e Silva** e de **Christino e Silva**. No primeiro, é examinada a interação entre a alternância *nós/a gente* e a concordância com o sujeito *nós* em entrevistas de experiência pessoal coletadas na área rural de Santa Leopoldina-ES, com o objetivo de se estabelecer uma comparação com resultados já obtidos na capital Vitória. A presença de uma regra variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de adultos em São Tomé e Príncipe é investigada no segundo artigo, a partir da realidade multilíngue da localidade e do modelo europeu de concordância. No terceiro, a subárea das Línguas em Contato é explorada a partir da descrição da marcação de plural em sintagmas nominais na variedade “étnica” do Português Brasileiro falada na região de fronteira entre Brasil e Peru e em terras indígenas localizadas no Alto Juruá e Purus.

**Araújo**, a partir da observação da variação entre formas do pretérito perfeito em língua espanhola, discute o conceito de variável linguística no âmbito da variação morfossintática a partir do papel das informações contextuais, do valor de cada forma em variação e da informação diatópica.

O português falado em Luanda (Angola) é considerado por **Araújo e Dantas** a partir da análise dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais prototípicas. Semelhanças e diferenças com o Português Brasileiro e o Português Europeu são salientadas com relação à variação investigada, assim como também o condicionamento social revelado pelas variáveis idade e escolaridade.

O ponto de vista sociofuncionalista embasa os três artigos seguintes. **Vieira** examina, em textos acadêmicos orais e escritos, a variação entre as microconstruções com *ter-se* e *haver*, funcionalmente alinhadas com o fenômeno de impessoalização. A análise dessas construções como sujeitas à variação é fundamentada ainda pelos resultados provenientes da avaliação dos usuários da língua a partir da aplicação da metodologia de pesquisa voltada para a percepção da fala e atitudes linguísticas. **Pinheiro-Monteiro** e **Coan** investigam o imperativo, a perífrase ir + infinitivo, o infinitivo e o gerúndio como funções codificadoras de atos de comando em interações registradas em salas de aula em Fortaleza-CE. O papel da menção explícita do manipulado e da ausência de polidez contribuíram para a indicação do imperativo como a forma com maior força manipulativa de comando, resultado reforçado pela frequência alta de ocorrências em comparação com as outras variantes. O uso variável do modo subjuntivo é o tema desenvolvido por **Pimpão** com base em resultados de pesquisas conduzidas a partir de amostras de fala e de escrita das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Os resultados apresentados evidenciam o uso do subjuntivo em contexto de projeção futura e em contexto de certeza, contrariando o apregoado pelas gramáticas normativas quanto a sua condição de modo estritamente da incerteza.

**Vitório** descreve a variação encontrada em Maceió-AL com relação ao uso das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural nas funções de sujeito, complemento e adjunto, com destaque para a discussão sobre o percurso da variante inovadora *a gente* nessas funções, a partir de condicionamentos linguísticos tradicionalmente examinados na literatura sobre o tema e do papel da escolaridade e da faixa etária dos participantes. A Teoria da Polidez Linguística contribui para a análise variacionista conduzida por **Snichelotto** e **Strapazon** sobre as formas de tratamento nominais empregadas em cartas de leitores publicadas em dois jornais de Chapecó-SC nos anos cinquenta. A amostra considerada é analisada com base nas informações referentes ao momento histórico vivenciado pela comunidade na época e às funções sociais dos interlocutores das cartas.

Os pronomes clíticos são o tema principal dos artigos que seguem. **Araújo** e **Carvalho** apresentam uma análise acerca da variação entre as formas *te* e *lhe* na função de dativo com referência à 2ª pessoa do singular em correspondências de cunho pessoal redigidas entre 1940 e 1999 por pessoas que viveram ou ainda vivem no Ceará, revelando a preferência por *lhe* nos anos finais do século XX, sobretudo pelas mulheres. **Coutinho** e **Carvalho** examinam, a partir da metodologia adotada na Linguística de Corpus, a ocorrência dos clíticos de 3ª pessoa *o(s)*, *no(s)*, *lo(s)* e *a(s)*, *na(s)*, *la(s)* em função de objeto direto. A frequência de ocorrências de verbos com a presença de clíticos no corpus Brasileiro associada a informações referentes à semântica lexical do verbo e ao grau de formalidade do gênero textual conduziu à proposição de uma análise de cunho funcionalista sobre o tema.

A partir da postulação de uma variável discursiva, **Tavares** oferece uma análise do padrão de distribuição dos conectores sequenciadores *e*, *aí* e *então*, coletados em entrevistas sociolinguísticas conduzidas em Natal-RN, a partir do ponto de vista do processo de gramaticalização sofrido por cada conector.

Estudos sociolinguísticos, no que diz respeito a variáveis fonéticas e fonológicas, são abordados a seguir, explorando-se diferentes variantes linguísticas em diferentes regiões do País.

**Almeida e Oliveira** examinam o apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió-AL, processo variável que se mostra estável nessa localidade. Do modo semelhante ao já constatado pela literatura sobre o tema, a extensão da palavra mostra-se relevante, assim como também o contexto seguinte, com destaque especial para o papel da haplogia.

O estudo do comportamento variável da fricativa em posição de coda, em diferentes grupos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro, sob perspectiva da sociofonética e do exame do papel do item lexical na propagação da mudança sonora, é abordado em **Melo e Gomes**. Os autores examinam três amostras com características socioeconômicas particulares, compostas por falantes da classe média e jovens, moradores de favela com algum tipo de inserção em programa social. Os resultados da pesquisa mostraram que não houve incompatibilidade entre efeito de condicionamento fonético e lexical na variação e que os indivíduos fazem avaliações distintas sobre formas linguísticas.

No artigo de **Santos**, a interface entre língua, música e léxico é abordada no exame de vocábulos e empréstimos do espanhol para o português por meio de canções da dupla gaúcha César Oliveira e Rogério Melo. Particularidades linguísticas foram observadas, bem como traços das atividades típicas e/ou cotidianas de uma comunidade, contribuindo-se para o desenvolvimento de atividades pedagógicas e para promover os valores e as raízes linguísticas e culturais.

A variável ditongo é abordada em três artigos em diferentes contextos e perspectivas. **Santos e Almeida** estudam o ditongo decrescente [ej] em contextos finais no português falado de uma comunidade quilombola, no interior da Bahia, com a expectativa de encontrarem alguma especificidade nesse tipo de variável, como existe em consoantes em coda no português afro-brasileiro.

Já em **Silva e Gayer**, o ditongo analisado é o crescente em contextos de sândi externo (*mesmo aprendi*) na fala popular em Salvador, formado a partir da transformação de uma vogal alta e átona em final de palavra em um glide. As autoras comparam diferentes estudos realizados sobre o mesmo fenômeno no Brasil, concluindo, dentre outros aspectos, que o grupo clítico demonstrou ser o domínio preferencial para a aplicação do ditongo crescente

Outro fenômeno relacionado a ditongos é visto em **Mendonça, Dias e Oliveira**, que tratam de examinar a redução de ditongos nasais finais por meio de análise acústica e de uma análise estatística em dados de língua falada em Maceió/Alagoas. Diferentemente de outras regiões do Brasil, a taxa de monotongação, na amostra examinada, mostrou-se mais alta, mas, por outro lado, favorecida entre os menos escolarizados, conforme apontam outras pesquisas.

A variação em vogais átonas também é examinada nos próximos dois artigos. Na posição postônica não final, **De Paula** trata de complementar investigação anterior em amostra do estado do Rio de Janeiro, por meio da aplicação de um questionário e de um teste de leitura, possibilitando-se analisar contextos novos de palavras proparoxítonas. Os resultados mostraram que a elevação da vogal média postônica não final é inibida com o aumento da escolaridade e do monitoramento do discurso.

As vogais pretônicas são abordadas em **Avelheda, Silveira e Souza** sob perspectiva da sociolinguística e da análise de crenças e atitudes linguísticas. A elevação ou não da vogal média pretônica é investigada por meio do levantamento de dados através da leitura de textos, pela avaliação subjetiva do fenômeno em entrevistas e por meio de um questionário. Os resultados dos experimentos revelaram que o processo de alteamento desperta uma avaliação negativa e que os falantes não têm consciência de sua realização.

A realização variável do tepe no lugar da vibrante em início de sílaba, marca característica da língua falada de colonizadores italianos no estado do Rio Grande do Sul, é abordada em dois artigos: o de **Velho**, que trata de analisar resultados de estudos realizados em diferentes cidades do Estado, confrontando-os, e o de **Côrrea**, que propõe examinar o uso variável do tepe em uma comunidade do interior do Estado na busca de um padrão nos resultados nas variáveis extralinguísticas.

Sobre o ensino e a sociolinguística, há, na sequência, os artigos de **Oliveira e Nascimento**, que trata de investigar como são trabalhadas as variedades linguísticas no livro didático da Língua Portuguesa; o de **Araújo e Pereira** sobre a abordagem da variação linguística no ensino formal de língua materna no ensino fundamental; e o de **Marine e Barbosa** acerca das crenças linguísticas de pós-graduandos do projeto PROFLETRAS (professores da Educação Básica). Todos os três mostram problemas e lacunas no ensino da Língua em relação à variação linguística.

O primeiro artigo desse tema ensino/sociolinguística revisita conceitos sociolinguísticos a respeito do ensino da língua presentes na literatura e analisa seções de formulações conceituais e atividades destinadas ao tratamento da variação linguística em um livro didático. O segundo também analisa a variação em um livro didático em confronto com as propostas sobre este assunto nos documentos PCN (Brasil, 1998) e PNDL (Brasil, 2014). Por fim, o terceiro artigo analisa, por meio da aplicação de um questionário, as crenças e atitudes linguísticas de alunos de duas Universidades Federais do Triângulo Mineiro, dentre as quais se destacam a persistência de alguns mitos e conceituações equivocadas como a de que a língua escrita é “mais correta” do que a língua falada, o que reforça a existência do preconceito linguístico.

Aos colegas cujos trabalhos apresentamos neste texto, agradecemos imensamente a colaboração para a composição deste volume. Aos nossos colegas que aceitaram participar do processo de organização como avaliadores *ad hoc*, registramos aqui nosso reconhecimento e gratidão, que estendemos a toda a equipe da revista *Letrônica*.